

A diluição do eu-humano ante o mergulho no caos: Jaider Esbell

Rubens Takamine¹

 0000-0003-1735-3657

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.5011

Resumo

Atravessada pelos encantamentos e ensinamentos deixados pelo artista Jaider Esbell (1979-2021), a arte, neste ensaio, é encarada como uma espécie de expurgo: um mergulho no caos capaz de gerar a reconexão com o todo, diluindo eventuais dicotomias que circunscrevem a humanidade apartada da natureza. Intenta-se, com o vislumbrar das obras, apresentadas na exposição *Transmakunaima: o buraco é mais embaixo* (2018), discorrer acerca de estratégias poéticas capazes de desarmar os imaginários do antropocentrismo.

Palavras-chave: Arte. Encantamento. Tecnologia. Magia. Natureza.

¹ Mestre em Poéticas Interdisciplinares pela Escola de Belas Artes da UFRJ (bolsista Cnpq) e doutorando em Tecnologias da Comunicação e Estéticas pela Escola de Comunicação da UFRJ (bolsista Capes). Site: www.rubenstakamine.art

Ao observar as obras do artista Jaider Esbell conseguimos sentir a presença da floresta: os seres e entidades que ali habitam, numa reivindicação moral de tudo aquilo que lhes foi roubado durante séculos de predação. Sentimos a natureza híbrida em transmutação, onde nada é fixo ou cristalizado. A terra jamais é propriedade do homem: o homem é que se integra à terra. Cores cintilantes revelam influências da ancestralidade de Esbell, que buscou inspiração nos diálogos internos com seu avô Makunaimã e em lendas de sua terra de origem, Raposa Serra do Sol. Fragmentos de memória e saberes da mata pincelados com tinta acrílica, revelam ao espectador a própria condição humana, frágil e passageira [Figura 1]. Afinal, assim como as onças, as árvores, as pedras e os espíritos, somos todos cria da natureza.

Para flutuar sobre as imagens pictóricas criadas por Esbell, partiremos de uma reflexão do filósofo Vilém Flusser, que expressa serem as imagens, antes de tudo, “superfícies sobre as quais circula o olhar”, mediações que interligam o homem e o mundo. A imaginação, por sua vez, seria “a capacidade de fazer e decifrar imagens”². A dimensão do tempo do ato de olhar é circular, pois seguimos a tendência intuitiva de contemplar elementos já vistos anteriormente. Flusser chama essa dimensão de “tempo de magia”³, momento em que o olhar estabelece as conexões associativas e as relações significantes.

No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; já no tempo circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Noutros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis.⁴

O tempo de magia, nesse sentido, é caracterizado pela reversibilidade entre causa e efeito, sujeito e objeto, arte e vida. Não há linearidade: o homem cria a imagem ou o texto que, por sua vez, passam a agir sobre o próprio homem. Idolatria e textolatria. Tanto a imagem quanto o texto ajudam-nos a representar o mundo, mas também o encobrem: auxiliam em sua organização, ao mesmo tempo em que solidificam blocos de alienação. É como se a humanidade (sujeito) esquecesse os verdadeiros motivos que a induziu criar determinado objeto (imagem), passando a agir em função dele.

Curiosamente, a inseparabilidade ontológica, observada em muitas cosmovisões ameríndias, onde não se resguardam noções dicotômicas ou hierárquicas (tais como homem x natureza), poderia suscitar esse aspecto reversível/circular do tempo da magia. Desse modo, a complexidade das formas retratadas por Esbell exige de nós, mais do que atenção, trata-se de um convite à expansão dos sentidos.

² FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a Fotografia: Para uma filosofia da técnica*. Apresentação de Arlindo Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 1998, p. 96

³ *Ibidem*, p. 16.

⁴ *Ibidem*, p. 28.



Figura 1:
Jaider Esbell, **Makunaima**, 2017.
Acrílica e pincel posca sobre tela, 100 x 100 cm.
Fonte: site Prêmio Pipa
<https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Reversibilidade e magia. Talvez, pensar como floresta – e não como humano – seja um bom caminho para permitir-se fluir na experiência estética. Vórtices, espirais, linhas descontínuas, serpentes, pontilhados, pegadas, olho, boca, cabelo, células, favo de mel. Partes que tentam informar pelo todo. Conseguimos ver pedaços de seres num conglomerado de formas que tentam construir um rosto ou rostidade, mas nunca uma identidade, pois o “todo” no trabalho de Esbell não necessariamente falará pelas partes. Os corpos se integram e desintegram como se fossem círculos que não se fecham em si mesmos, produzindo múltiplos efeitos ou sentidos.

A multiplicidade da forma

A exposição *TransMakunaima, o buraco é mais embaixo* (2018), apresentada originalmente por Jaider Esbell na Casa das Artes, em Manaus, e posteriormente no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília, é formada por duas séries: *Meu Avô Makunaimã* – com 15 telas; e *It was Amazon!* (Era uma vez a Amazônia) – com 16 telas. Nessa exposição, o artista revela um Brasil pré-conquista, quando os povos indígenas viviam sem a influência do homem europeu. Portanto, não existia Macunaíma de Mario de Andrade, apenas Makunaimã – avô de Esbell.

Nas palavras do artista, Makunaimã é uma energia criadora que habita a cosmovisão dos povos indígenas que cerceiam o Monte Roraima: Makuxi, Wapichana, Patamona, Ingaricó, Taurepang; uma entidade que não possui caráter (no sentido de uma forma definida), mas possui, todavia, a capacidade de assumir todos caracteres, formas, gêneros, identidades, além de transitar livremente no espaço-tempo, já que ele vem “em muitos estados transitórios, passa a aparecer além da oralidade, além do mito”⁵.

Makunaimã não é folclore. Mas seu empréstimo à literatura brasileira cristalizou a essência fluida de Makunaimã em uma espécie de folclore. O movimento modernista no início do século XX teve como um dos objetivos tornar o Brasil uma nação com roupagem própria, dotada de identidade cultural delineada e singular. Nesse ímpeto, impulsionado pelas teorias científicas, histórias, mitos, tradições e espiritualidades brasileiras, o escritor Mario de Andrade se empenhou em produzir uma obra literária que afirmasse tal identidade nacional. A modernização, segundo o próprio autor, seria possível apenas se tomássemos consciência de nossas tradições.

Através do clássico *Macunaíma*, obra lançada em 1928, Mário de Andrade faz uma importante reflexão sobre a sociedade brasileira, traçando seu passado, presente e possível destino. Inspirado na

⁵ ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! In: *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n.46, p. 11-39, jan/jul, 2018, p. 15.

entidade Makunaimã (avô de Jaider), o qual tomou conhecimento a partir de relatos coletados pelo antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, o escritor dá luz ao protagonista homônimo do título do livro. Um personagem jocoso, extremamente complexo, considerado “herói sem nenhum caráter”, permeado pela amoralidade e, até mesmo, certa inocência.

Pelo desejo de alcançar uma brasilidade autêntica, a condução narrativa de Mário de Andrade interliga diferentes crenças, do sul ao norte do Brasil, construindo um imaginário social sobre o “brasileiro médio”, enfatizando, porém, seus traços negativos. Ainda pequeno, Macunaíma buscava prazeres amorosos com a mulher de seu irmão Jiguê; foi abandonado pela mãe por ser malcriado; e escapuliu das ciladas arquitetadas por Curupira, não pelo fato de ser inteligente, mas por preguiça. Diversas movimentações ao longo da trama constroem um personagem inconstante, preguiçoso, vaidoso, pouco sagaz, que vive às circunstâncias do destino e se entrega aos prazeres carnavais, semeando desconfiança e dúvida nos outros. Eis que surge assim Macunaíma com “c” e acento agudo no “i”.

Macunaíma habita um universo fantasioso que permite recortes geográficos e abstrações no espaço-tempo, onde elementos da natureza ganham vida própria de maneira verossímil. Também revela o caos em que vivem as divindades, numa simultaneidade de camadas sem fim. Andrade reinventa, assim, a técnica e estilo literário de sua época. No entanto, Macunaíma não deixa de ser fruto da modernidade: da necessidade de fixar identidades, produzindo sentido através do pensar racional, pela literatura. Por isso, Macunaíma da literatura é apenas uma das múltiplas formas que Makunaimã do Monte Roraima, avô de Jaider Esbell, encontrou para se manifestar no mundo.

Eternizando-se, Makunaimã, já transformado em Macunaíma, não sofre, posto que chegando “aonde nunca antes nenhum de nós esteve”, deixa de ser ele mesmo para se tornar “uma carência de unidade” com os seus. À margem de todas as margens, nosso herói é imune ao tempo, enquanto Makunaimã, é ao mesmo tempo, materializado como novidade em Macunaíma.⁶

Em *TransMakunaima, o buraco é mais embaixo*, Esbell aponta para o aspecto da decolonização do ser mítico, fluido e transformista que é Makunaimã ao ser eternizado em personagem de livro. As obras da exposição revelam a entidade em suas n-ésimas manifestações: humano, beija-flor, floresta, amórfico; libertando-o do peso que a literatura depositou ao concebê-lo em sua face libertina e preguiçosa. Enquanto o livro narra a história de um herói sem nenhum caráter, Esbell resgata a essência daquela entidade capaz de assumir todos e quaisquer caracteres: uma energia cuja linearidade humana

⁶ Trecho de texto contido em uma das paredes da exposição *Nakoada: Estratégias para a arte moderna*, curada por Beatriz Lemos e Denilson Baniwa. MAM-Rio (2022).

não basta. Como afirma o artista: “passar pela necessidade de uma forma humana ocidentalizada, concreta e masculina já podem ser efeitos claros da colonização”⁷.

O xamanismo visual

A arte é um convite à reconfiguração das relações de poder, já que através dela é possível “criar um finito que restitua o infinito”⁸. Com ela, surgem também novos sistemas de códigos, economias de atenção, além de transformações ontológicas e epistemológicas que operam sobre a linguagem. Jaider Esbell não apenas reconhece essa potência, como possui pleno domínio sobre o sistema de comunicação em que se estabelece. Só pelo fato de existir, a poética de Esbell é também ética: resiste a um sistema de signos que, por muito tempo, sob luz do colonialismo, separou a arte da vida. As obras de Esbell são extensões visíveis de suas vivências e clarivências. Revelam a complexidade da cosmovisão indígena Macuxí, por meio de uma estética singular, que o próprio artista nomeia “xamanismo visual”⁹. Segundo o antropólogo Edson Soares Diniz, que visitou os Macuxí na década de 1970,

o xamanismo é uma instituição social cujos representantes, através do êxtase produzido segundo padrões tribais, entram em contato com o sobrenatural a fim de defender a comunidade de acordo com suas respectivas ideologias religiosas, seja por viagens aos mundos do além, seja pela possessão por espírito.¹⁰

Apesar de datada, a descrição do autor confere uma noção ínfima do que vem a ser o xamanismo segundo os Macuxí. No mesmo texto, publicado pela *Journal de la société des américanistes*, o antropólogo ainda detalha que o êxtase do xamã em sessão de cura é produzido através da ingestão de folhas de mororó e infusão de tabaco, e “no correr da sessão, (o xamã) conta aos parentes a doença que aflige o paciente e revela de quem e como foi adquirida”¹¹.

No artigo intitulado *Xamanismo Visual: A Noção do Indizível na Obra de Claudia Andujar*, escrito por Isaac Antonio Camargo e Stela Maris Munhoz, os pesquisadores refletem sobre duas séries fotográficas de Cláudia Andujar, *Sonhos Yanomami* (1974) e *Indizível* (1998) nas quais a artista, por meio de imagens

⁷ ESBELL, op. cit., p. 21.

⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 233.

⁹ O termo “xamanismo visual” foi identificado na minibiografia do artista Jaider Esbell disponível no site do Prêmio PIPA, considerado atualmente uma das principais premiações de arte contemporânea brasileira, no qual Esbell participou em 2016 e 2021. Na descrição, o artista exprime que são suas influências, a “ancestralidade, conhecimento, memória, diálogos, plasticidade contemporânea, política global, o ser local, xamanismo visual, poder”. Disponível em: <<https://www.premiopia.com/pag/jaider-esbell/>> Acesso em: 02/02/2023.

¹⁰ SOARES, D. Edson. O xamanismo dos índios Makuxí. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 60, 1971.p. 65-73.

¹¹ Ibidem, p. 69.

fluídicas de corpos em ritual, expressa uma vaga noção do estado alterado de consciência que a experiência extraordinária do ritual Yanomami conduz ao vivente. O resultado são imagens fotográficas repletas de raios luminosos, vultos, fluxos, metamorfismos entre corpos humanos e mais-que-humanos, habitando zonas de tamanha indefinição. Para o antropólogo Pedro de Niemeyer Cesarino, Andujar rompe radicalmente com a tradição estética da fotografia documental de etnias no Brasil. As imagens captadas pela artista fogem à mera documentação científica “marcada por esquemas narrativos e classificatórios preconcebidos”¹². Elas manifestam, por sua vez, a experiência da multiplicidade e da inexatidão. Os lampejos luminescentes dos xapiri¹³ em festa. Não se trata, porém, de uma tentativa de representação, mas sim, do ensejo de traduzir sensivelmente sua experiência de contágio. Experiência de quem se situa ética e esteticamente entre dois mundos.

Em concomitância, o antropólogo Jeremy Narby reforça que “a análise acadêmica do xamanismo será sempre o estudo racional do irracional, isto é, um contrassenso, um beco sem saída”¹⁴. Seus estudos mais recentes direcionam menos o olhar para o xamanismo do que para a figura do xamã. Narby apresenta em seu livro *A Serpente Cósmica: o DNA e a Origem do Saber* (2018) uma consideração de Claude Lévi-Strauss em torno da importância do xamã enquanto “um criador de ordem, que cura as pessoas transformando as suas dores incoerentes e arbitrárias numa forma ordenada e inteligível”¹⁵. Nesse sentido, o xamã é visto como um criador de ordem, “alguém que domina o caos ou evita a desordem”. Assim, percebemos que o xamanismo está intimamente ligado à ideia de cura, organização, comunicação, e culturalmente ocupa um espaço de alta relevância nas cosmogonias autóctones [Figura 2].

Para Esbell, “sem adentrar as portas das cosmovisões dos povos originários não há como discutir decolonização”¹⁶. O pensamento ocidental é radical, pois opera como uma máquina que classifica, objetifica, etiqueta e precifica os indivíduos e coisas. Produz identidades, padrões, modelos, hierarquias. Vícios. Universaliza o gosto ao mesmo tempo em que banaliza o gozo. Há formas restritas de fruição. As obras de Jaidier Esbell, nesse ímpeto, propõem uma trégua ao solo exaurido pelo colonizador branco: a humanidade se desintegra e desaparece diante dos elementos fundantes da natureza. Vemos partículas cintilantes, sais minerais, células, mitocôndrias, ribossomos, mas podemos enxergar satélites, planetas,

¹² ANDUJAR, Claudia; CESARINO, Pedro de Niemeyer. Claudia Andujar e a tradução xamânica. *ZUM: revista de fotografia*, 2019.

¹³ Davi Kopenawa assim explicita sobre os xapiri ou xapiripê: “os xapiri são as imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo. É esse o seu verdadeiro nome. Vocês os chamam ‘espíritos’, mas são outros. Vieram à existência quando a floresta ainda era jovem. Os nossos antigos xamãs os faziam dançar desde sempre e, como eles, nós continuamos até hoje. Quando o sol se levanta no peito do céu, os xapiri dormem. Quando volta a descer, à tarde, para eles o alvorecer se anuncia e eles acordam. Nossa noite é seu dia. De modo que, quando dormimos, os espíritos, despertos, brincam e dançam na floresta.”

¹⁴ NARBY, Jeremy. *A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber* / Jeremy Narby. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

¹⁵ Ibidem, p. 23.

¹⁶ ESBELL, op. cit., p. 13.

galáxias, universos. Sua arte revela a expansão de cosmos e consciências, materializando a visão Macuxí em telas irrestritas de fruição. Não há raízes que limitem ou fixem o sentido dos elementos ali pincelados.

Magia, técnica, sedução e transmutação

Ao analisar a relação entre tecnologia e magia, o antropólogo Alfred Gell fala em “tecnologia do encantamento” para explicar estratégias ou técnicas humanas (especialmente atreladas ao campo das artes visuais, música e dança), utilizadas com o objetivo de persuadir ou induzir intenções sobre outros seres. Segundo Gell, essas técnicas exploram pré-disposições psicológicas inatas para encantar outra pessoa, levando-a a perceber a realidade social de outra forma. A manipulação do desejo, do terror, da estupefação, da fantasia, das paixões – um campo de afetos inesgotável para a expressão dessas técnicas de persuasão.

Jaidier Esbell exprime a urgência em informar o público não-indígena acerca dos problemas que seguem vitimando, ainda hoje, seus irmãos e parentes. Tanto em suas telas como também em textos e palestras, observamos um artista com o dom da comunicação, da diplomacia, da sedução. Em entrevista para o veículo de notícias DW Brasil, em agosto de 2021 (três meses antes de falecer), Esbell afirmou que seu trabalho “é nada mais, nada menos, que uma armadilha psicodélica”¹⁷ e a única possibilidade de acessar e sensibilizar o mundo capitalista talvez seja por meio da psicodelia das formas fluidas, “por meio da extrema subjetividade, no mundo da camuflagem, da estratégia de linguagem”.

a imagem sugere um agregar de elementos dispersos para o surgimento de uma ideia figurativa para o mito fluido. É fluido pois vem de um estado de energia e caminha por um tempo onde em um determinado espaço desse tempo homens e demais seres também eram mais fluidos.¹⁸

Enquanto Alfred Gell compara a tecnologia do encantamento com a publicidade, em uma visão um tanto pessimista acerca da “desaparição” da magia contemporânea, os pesquisadores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, na obra *Encantamento (sobre política de vida)*, lançada em 2020, falam sobre o encantamento enquanto possibilidade de cura em um mundo cada vez mais narcísico, nuclear e individualista, que insiste em privatizar as pluriexistências, aniquilando o “sentindo ritual da vida como dimensão ecológica”¹⁹.

¹⁷ Reportagem *A armadilha psicodélica de Jaidier Esbell* publicada pela DW Brasil. Ver em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-armadilha-psicodélica-de-jaidier-esbell/a-59717656>> Acesso em: 02/02/2023.

¹⁸ ESBELL, op. cit., p. 13.

¹⁹ RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Encantamento (sobre política de vida)*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

Falamos de encantamento enquanto astúcia de batalha e mandinga em um mundo assombrado pelo terror. Enquanto há quem ache que é bobagem e as florestas são derrubadas, os xamãs e pajés invocam os espíritos da natureza para recordarem que um dia formos árvore, folha e poeira do universo. Virados no transe de medicinas que desconhecemos, eles miram a cura para esse adoecimento.²⁰

Mais de trinta anos separam as publicações, e muita literatura foi produzida acerca dessas denominações. Gell possivelmente inspirou o surgimento do termo “feitiçaria capitalista”, suscitado por Isabelle Stengers e Philippe Pignarre ao designar um “sistema de feitiçaria sem feiticeiros”²¹. A finalidade desse sistema seria a captura de nossas forças criativas, induzindo-nos a um modo de produção calcado na manutenção das desigualdades e ausência de solidariedade. O encantamento, proposto por Simas e Rufino, estaria localizado no sentido oposto: a de uma “contrafeitiçaria” ou a busca por um antídoto ante o adoecimento (e também esvaziamento) que o sistema capitalista nos induz – uma perspectiva ética, estética e política, que se aproxima da práxis de Esbell.

Se o tempo de magia, como mencionado por Vilém Flusser, é caracterizado pela reversibilidade, por sua vez, atrelá-lo à noção de tecnologia do encantamento²² supera maniqueísmos e dualismos no conceito, pois o encantamento poderia servir tanto para algo benéfico como maléfico, cura ou destruição, a depender dos pontos de vista do feiticeiro e da pessoa enfeitiçada. Trata-se de um campo mágico e, portanto, relacional.

Haveria cura pela arte?

A própria História nos revela que a sede voraz pelos domínios chamados “naturais” só gerou (e segue gerando) o derramamento de sangue, recrudescendo as desigualdades em todo o planeta. Em junho de 2020, dois jovens Yanomami foram assassinados por garimpeiros armados, que invadiram suas terras movidos pela extração ilegal de ouro²³. Essa disputa desleal, que perdura há décadas, só reforça o fato de que a colonização jamais deixou de vigorar no Brasil [Figura 3].

²⁰ Ibidem, p. 8.

²¹ PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. **La sorcellerie capitaliste. Pratiques de désenvoutement**. Paris: La Découverte, 2005.

²² GELL, Alfred. Technology and Magic. *Anthropology Today*, Vol. 4, No. 2, (Apr., 1988), pp. 6-9.

²³ *Jovens indígenas são mortos por garimpeiros em conflito na Terra Yanomami em Roraima*, reportagem do site G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/06/26/jovens-indigenas-sao-mortos-porgarimpeiros-em-conflito-na-terra-yanomami-em-roraima.ghtml>> Acesso em: 28/08/2020.



Figura 2:

Jaider Esbell, **A luta do boi com Makunaima**, 2017.

Acrílica e posca sobre tela, 100 x 100 cm.

Fonte: site Prêmio Pipa (<https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>).



Figura 3:

Jaider Esbell, **It was Amazon!**, 2016. Desenho.

Fonte: site Jaider Esbell

(<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>)

A teleologia do progresso não é caminho para salvação alguma, pelo contrário. O buraco (ou cova) que estamos cavando pode ser bem mais profundo que parece e dele não sairá petróleo ou qualquer riqueza mineral para a usufruto dos seres humanos que virão. 2023. Torna-se insustentável viver sob as mazelas de um suprassistema excludente. A crise hídrica e energética, a fome, o desemprego, as desigualdades, as epidemias – quanto tempo Gaia precisará para nos perdoar?

O canto de um pássaro pode indicar algo, os trovões que passam são sinal de que algo está pra acontecer, as formigas no meio do caminho, as formas das nuvens, a direção do vento, enfim, muitos presságios nos são transmitidos pelos sinais da natureza, que com sua delicadeza e sabedoria vão nos guiando e nos ensinando como bem viver.²⁴

Durante a conferência SELVAGEM²⁵, realizada em novembro de 2019, a filósofa Cristine Takuá enfatizou a perda da biodiversidade e o aumento das desigualdades no mundo todo, constatando que “o maior erro nisso tudo foi negar nas escolas e universidades o conhecimento da floresta”, apontando para o gesto colonizador do pensamento moderno ocidental, que sempre estrangulou o conhecimento dos povos originários. No entanto, Takuá encerrou sua palestra com muito otimismo, compartilhando brevemente o sentido da vida no *tekoporã*, termo Guarani que nasce da junção das palavras *tekó* e *porã*, cuja tradução mais singela é “a boa maneira de ser e de viver”. Segundo a pensadora, trata-se de um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa a vida humana em harmonia com todos os outros seres e elementos da natureza.

Essa harmonia entre humanidade e natureza – afinal, inseparáveis – revela uma cosmovisão oposta ao modelo de vida em prática na experiência capitalista, que prevê, dolorosamente: a opulência, a obsolescência programada, a competição desigual, o desperdício, o esgotamento dos recursos naturais, a fabricação de desejos de consumo. A lista não cessa. Todavia, por mais que tenhamos consciência dos aspectos negativos desse modelo de existência, nossa educação – aos moldes do pensamento ocidental – não aponta para caminhos alternativos, mais sustentáveis ou menos agressivos às formas de vida mais-que-humanas.

Na série *It was Amazon*, Jaider Esbell tece uma poderosa denúncia contra os males que assombam a Amazônia contemporânea, ressonando a consciência coletiva em torno das crises socioambientais que globalmente enfrenta-se. Tráfico. Exploração. Contaminação. O homem que

²⁴ TAKUÁ, Cristine. Teko Porã, o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Rebento**, São Paulo, n. 9, p. 5-8, dezembro 2018.

²⁵ Selvagem é um ciclo de estudos, idealizado pela editora Dantes, que articula correspondências entre conhecimentos indígenas, científicos, tradicionais, acadêmicos e de outras espécies. Selvagem abrange rodas de conversas, publicação de livros e compartilhamento de vídeos e textos. Acesso em: <<https://dantes.com.br/selvagem/>> Acesso em: 23/01/2023.

destrói o lar, destrói a si mesmo. “Era uma vez Amazônia”, biodiversidade farta que vem se perdendo com a expansão do desmatamento, do garimpo ilegal, da poluição dos rios. Cristine Takuá lamenta a situação e reforça que “essa complexa crise de relações que os humanos hoje estão vivendo nada mais é do que reflexos de séculos de uma caminhada malfeita”²⁶.

Há mundos dentro da percepção de mundo. E se a arte não for capaz de salvar o mundo (moderno ocidental) do fim, ao menos preconiza que este deve extinguir para que outros possam surgir. A decolonização busca, então, revisar a profunda cisão entre cultura e natureza; separação que culminou na ideia totalizante de que seres humanos são superiores aos demais seres por serem racionais, legitimando a domesticação sobre os domínios tidos como não-humanos ou “mais-que-humanos”. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak narra a noção de felicidade encontrada em outras cosmovisões. A felicidade pode consistir em pequenos gestos e ações como levantar da rede, banhar-se no rio, aquecer-se em torno do fogo, dar bom dia ao Sol, consagrar os espíritos da floresta, tomar o mate e, sentir como se dissipa a névoa da madrugada, percorrendo a trilha onde se encontra a experiência de vida compartilhada. Aprender a limpar a própria sujeira. Longe de qualquer romantização, mas uma mudança de hábitos se faz urgente. Aprender a escutar as vozes da floresta para tornarmo-nos menos predadores e mais solidários, colaboradores, cuidadores, composteiros, será de extrema importância na reformulação de práticas que busquem expandir as relações que cerceiam a vida em comunidade. A vida multiespecífica em constante metamorfose.

Transmakunaima. Jaider Esbell. Quando conseguirmos desatar o pensamento colonial de nossos imaginários, talvez, passemos a aceitar, de fato, a existência do(a) outro(a) com suas diferenças, sensibilidades, fragilidades, anomalias, energias e transmutações. Sem tantas hierarquias, tampouco sede de poder. Aceitar a natureza fluida de Makunaimã é ser capaz de aceitar a espiralaridade do tempo, a efemeridade da matéria, a inconstância do espírito. Emaranhar-se é preciso, pois, mesmo no esgotamento, ainda há vida.

Texto escrito em 2019 e atualizado em 2022.

Publicado em memória ao artista Jaider Esbell.

²⁶ TAKUÁ, op. cit., p. 6.

Referências bibliográficas

ANDUJAR, Claudia; CESARINO, Pedro de Niemeyer. Claudia Andujar e a tradução xamânica. **ZUM: revista de fotografia**, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995.

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! In: **Revista Iuminuras**, Porto Alegre, v. 19, n.46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a Fotografia: Para uma filosofia da técnica**. Apresentação de Arlindo Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

GELL, Alfred. **Technology and Magic**. Anthropology Today, Vol. 4, No. 2, (Apr., 1988), pp. 6-9.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MIBIELLI, Roberto; PRAXEDES, Sheila; JOBIM, José L. Jaider Esbell, Makunaima / Macunaíma e a arte / literatura indígena. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.38, 2019

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber** / Jeremy Narby. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. **La sorcellerie capitaliste. Pratiques de désenvoutement**. Paris: La Découverte, 2005.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SOARES, D. Edson. O xamanismo dos índios Makuxí. In: **Journal de la Société des Américanistes**. Tome 60, 1971.p. 65-73.

TAKUÁ, Cristine. Teko Porã, o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Rebento**, São Paulo, n. 9, p. 5-8, dezembro 2018.